

trabalho *necessário*

issn: 1808-799X

ano 2 - número 2 - 2004

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: UM MEMORIAL CENTENÁRIO¹

Nota introdutória

Francisco José da Silveira Lobo Neto*
loboneto@vm.uff.br

A seguir, algumas anotações que resumem o conteúdo do Memorial do Professor João José Rodrigues Vieira encaminhado ao Conselho Municipal. A publicação está, agora, classificada entre as “fora de uso” da Biblioteca Nacional.

Como se pode notar, algumas expressões e conceitos da época – presentes no documento desse desconhecido professor - remetem a análise que Luiz Antônio Cunha nos faz de um outro e mais abrangente Memorial, que Raimundo Teixeira Mendes entregou ao ministro da guerra Benjamin Constant Botelho de Magalhães (portanto entre 1889 e 1890), publicado em 1908, pelo Apostolado Positivista no Brasil².

Resgate-se, ainda, a menção ao Sr. Barão de Capanema (Dr. Guilherme Schuch de Capanema, primeiro diretor do Telégrafo Nacional e avô daquele que foi o Ministro da Educação do Estado Novo, o Dr. Gustavo Capanema) como incentivador da criação de escolas rurais.

Registre-se também que o humilde professor atribuindo o fato da população ser “molle, sem energia, incapaz de empreendimentos” às falhas da educação, e identificando a “Eschola profissional” como a “eschola da vida, a verdadeira eschola de preparo do

cidadão”, está refletindo, no propósito prático de transformação de sua própria escola, as palavras do último Ministro da Instrução Pública, Correios e Telégrafos – Fernando Lobo - em seu Relatório de 1892, quando afirma que os cidadãos devem *“encontrar da parte dos encarregados do governo da Nação o máximo cuidado em distribuir com igualdade os favores públicos, dotando cada uma das classes da sociedade com a soma de conhecimentos de que necessita para constituir-se em esteio de ventura para si e para os seus, em garantia de força e de estabilidade da fortuna de todos; e de nenhum outro modo pode o Governo cumprir esse grandioso encargo do que lançando as bases do ensino profissional”* ³

Finalmente, registre-se ainda a crítica às práticas filantrópico-discriminatórias e o propósito de não instituir uma “casa de caridade”, mas uma “eschola de educação”, onde a “sciencia venha em auxílio da arte porque não há arte que d’ella não dependa”.

O MEMORIAL

Introdução

O autor se refere a um Memorial de 1897 que acompanhava requerimento de transformação de sua escola em uma escola rural. A Comissão encarregada de analisar seu pedido, em um primeiro momento, não teria entendido bem sua solicitação, mas – após sua argumentação junto ao Relator, sobre o tamanho adequado do campo de experiência - obteve dele boa vontade e recomendação de reiterar o pedido. À época, porém, algumas circunstâncias impediram-no de fazê-lo.

João José Rodrigues Vieira afirma ser partidário das escolas profissionais “montadas com vistas largas e dotadas de planos de estudos sensatos” (cfr. pág. 3 – 4). Por isso volta a insistir, em 1903, no “pedido de transformação de minha eschola em uma eschola profissional”. E argumenta: “Quer as escholas profissionaes sejam agricolas, ou de artes, são utilíssimas e indispensáveis; e no meu entender, todas as nossas escholas deveriam ter este character, porque são as únicas que se prestam à educação do povo. A eschola sem aplicação tem os seus dias contados, e se ainda existem é pela simples razão de se não ter achado um plano que possa servir de base e não acarrete pesados ônus para as municipalidades que os não podem suportar”.

Afirma, ainda, que a população deste país - em que “há muitos meios de actividade” - é “molle, sem energia, incapaz de empreendimentos; sua única aspiração é o emprego público. Tudo isto é unicamente effeito da educação”. Exemplifica com o Ceará que não seguiu o conselho do Sr. Barão de Capanema, há 30 anos, para “montagem de escholas ruraes ...”. “Os cearenses soffreriam os horrores da fome? Quantas vidas, quantos prejuizos tem custado essa incúria?” com a crise do café. Traz o exemplo da Capital: “Podíamos ter excellentes fructos e baratos, hortaliças em abundância, flores, tudo, tudo; mas nada disso gozamos...” “nossas escholas primárias... chegaram a tal estado de inutilidade, que só servem para dar emprego às senhoras, porque não acham outro meio de vida onde se empreguem!”...

1 – A “Eschola Primária Profissional”

“é a que educa por meio do trabalho intelligentemente applicado” ... “Por que se não há de proceder com os pobres como se procede com os remediados ou ricos? Porque temos escholas de medicina, de direito, de engenharia, de pharmacia, de humanidades etc. e não temos também de preparar os pobres nas artes que desejam seguir?” ... “O homem que aprende a arte pela arte é um homem moralizado. Seu ideal é a sua arte, sua aspiração é ser grande, notavel, útil aos seus semelhantes”.

2 – Fins da “Eschola Profissional”

...“é educar na acepção da palavra” ... “ensinar uma ou mais artes é um meio” .

Nela não se fazem discursos, não se fala em , se faz, se vê, se experimenta – “é a eschola da vida, a verdadeira eschola de preparo do cidadão”.

“Todo ensino é dado atendendo ao lado prático e útil. O aluno sae com aspirações ... sem timidez ... atira-se à vida altivo, resoluto ...”

...“d’estes ... precisamos para explorar nossos sertões, para nos livrarmos da escravidão da indústriã estrangeira.

É, pois, o fim da eschola profissional ensinar a trabalhar, dar conhecimentos práticos dos meios de vida que o indivíduo possa lançar mão.” ...

“Os americanos e os italianos, principalmente, tem engenhosos meios de ganhar a vida; sabem explorar, viajam divertindo-se e trabalhando. Elles vão nos carregando o dinheiro sorateiramente para gastar em seu paiz que tem sempre promptas as boccas de fogo voltadas para nós, afim de defender seus interesses, e nós, olhamos bestializados para elles”.

3 – Seu Poder Educativo

“É praticando que se educa”. . . “O ideal da eschola é que ella represente a sociedade em ponto pequeno, servindo de transição entre esta e a família. A eschola que preencher este fim é uma eschola perfeita “ (p. 12).

“Faço-o praticar no inter-câmbio social: trabalha, inventa, vende seus artefatos, garante-se de seus inventos, especula, entra em empresas, amortisa suas economias, associa-se a seus companheiros; conhece a matéria prima de que pode lançar mão, as ferramentas, as machinas, de onde e para onde pode consumir ou exportar seus productos, etc...

Para o aprendizado da arte, estuda: geometria, mechanica, physica e chimica, com pratica nas officinas; para praticar no inter-câmbio social, estuda a economia política praticamente do seguinte modo:

- a) fabricando e vendendo seus productos, ou diretamente ou por intermediário;
- b) estabelecendo-se isoladamente, formando sociedades entre si, ou, companhias para exploração de taes ou quaes cousas;
- c) estabelecendo um banco, cujo capital será formado com o dinheiro dos

próprios alunos, descontando letras, etc... tal qual como se pratica em nossa praça;

d) fundando um museu em que se ache representada toda a matéria prima de que possam precisar nas artes a que se dedicam, a saber

1º) Madeiras – amostras classificadas o mais completo possível

2º) Mineraes – idem

3º) Mechanismos e Ferramentas

e) obrigando a todo o aluno responsável a ter a sua escripturação – Diário e Razão

f) estabelecendo correspondência commercial para suas transações.”

O autor relata que, em 1882, em “Curytiba”, começou – quando professor particular - a montar assim uma classe e comenta: “Nunca tive uma classe com mais animação.”

Acrescentando a razão de não ter podido dar prosseguimento: “Si o clima frio me não fosse desfavorável...”

Vieira não se considera diferente e inovador, afirmando que mesmo na Capital há classes assim. Apela para a necessidade de ter para o povo uma escola efetiva e confia em encontrar uma administração “que encare a educação popular como cousa séria e não como um meio de vida, onde o escrúpulo é necedade”.

“A repugnância dos paes em mandarem à eschola seus filhos é uma prova evidentíssima . . . Obrigar por lei ao filho do pobre a aprender aquillo que para nada lhe serve, é simplesmente um martyrio, uma extorsão que se lhe faz” (p. 16).

Uma outra razão é apresentada em favor das escolas profissionais: “Os pobres não podem arcar com as despezas que fazem com os filhos... Pois bem. As escholas professionaes, em nosso paiz, podem obter resultados com os trabalhos dos alumnos e dispensarem as ‘esmolas’ “.

4 – Meios de levar a effeito

1º) Pessoal capaz - competência e honestidade (“sem ella não há competência possível”)

2º) Plano adequado – a) deve dar o mais para obter o menos: desenvolver o raciocínio e, portanto, fazer com que a “sciencia venha em auxílio da arte porque não há arte que d’ella não dependa”. Para tanto, Vieira aponta:

1 – ensino das leis científicas;

2 – aplicação dessas leis na prática (descoberta de combinações, invenção, resolução de problemas, execução de trabalhos que exijam preparo intelectual e habilidade)

3 – exercitação nas ferramentas para obtenção de perícia

4 – desenvolvimento do gosto pela arte

b) ensino das artes liberais (música, literatura, pintura, etc.)

c) ginástica e exercícios militares

d) jogos (esportes) que contribuam para o desenvolvimento

dos músculos.

3º) Methodos Apropriados

“Tenho me dedicado exclusivamente a este ramo da pedagogia, e posso afirmar que mesmo ao mais perfeito methodo de leitura que conheço, não se pode dar o nome de arte: porque no ponto em que elle deve constituir arte, ainda não tocaram os que se teem occupado d’esse ensino!”.

Recomenda que se enfatize a aplicação. Por isso indica como melhor a opção pelas artes que empregam madeira, ferro, alguns metais e folhas de Flandres. “Estas artes devem ser ensinadas no mesmo estabelecimento porque completam-se, evitando oficinas estranhas. Pode-se fabricar tudo, desde que haja matéria prima e ferramentas” (p. 22).

Depois de falar, com bastante realismo, sobre o plano econômico para tornar viável a escola profissional, João José Rodrigues Vieira conclui:

“Convém notar, antes de tudo, que os institutos profissionaes que temos, estão fora do caso; porque a natureza d’esses estabelecimentos é antes de casas de caridade, do que de escholas de educação (. . .) Os alumnos que entram para uma eschola profissional são considerados operários e com todas as obrigações de operários. Pieguices, faceirices, deixam-n’as à entrada da eschola. Elles entram para se habituarem a ser homens, e como pequenos homens devem ser tratados” (p. 28)

* Professor de História da Educação da Faculdade de Educação da UFF

Membro do NEDDATE

Notas

- 1) VIEIRA, João José Rodrigues. *Memorial sobre a Eschola Profissional Apresentadp ao Conselho Municipal*. Rio de Janeiro: Typographia Moraes, 1903. [Biblioteca Nacional □I – 217, 3, 15]
- 2) CUNHA, Luiz Antônio. O ensino de ofícios nos primórdios da industrialização. São Paulo: UNESP / Brasília: FLACSO, 2000, pág 25 ss.
- 3) Apud CUNHA, op. cit. , pág. 29

volta